

O VERDADEIRO CASAMENTO RODRIGUIANO: APONTAMENTOS SOBRE AMOR E DESEJO NO ROMANCE O CASAMENTO (1966) DE NELSON RODRIGUES

NOTES ON LOVE AND DESIRE IN ROMANCE O CASAMENTO (1966) BY NELSON RODRIGUES

Lays da Cruz Capelozi¹

RESUMO: Em 1966, no contexto ditatorial militar brasileiro, Nelson Rodrigues lançou o romance *O Casamento* que, em seu ponto de vista, é uma defesa ao matrimônio, para os censores tratou-se de uma crítica à família burguesa. No presente artigo, discutimos algumas perspectivas da referida obra, por conseguinte, buscaremos analisar como a temática do casamento e a interdição do desejo é trabalhada e desenvolvida por Nelson Rodrigues, mostrando como a moral cristã católica é essencial para a formação desta temática na obra do referido autor.

ABSTRACT: In 1966 Nelson Rodrigues launches a novel called *The Marriage*, in his view is a defense to marriage, for the censors a critique of the bourgeois family. In discussing this novel, we will analyze how the theme of marriage is worked and developed by Nelson Rodrigues, showing how the Catholic Church is essential for the formation of this theme.

Keywords: Nelson Rodrigues; *O Casamento*; Catholicism

Palavras-chave: Nelson Rodrigues; *O Casamento*; catolicismo

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Integrante do Núcleo de Estudos em História Cultural da Arte e da Cultura (NEHAC – UFU) E-mail: syalcc@gmail.com

Em se tratando de Nelson Rodrigues, é impossível ficar indiferente a sua obra. Natural de Recife (PE), o escritor transferiu-se ainda muito jovem, com sua família, para o Rio de Janeiro, cidade na qual viveu até a sua morte, em 1980, e local aonde seu pai, ex-deputado federal, fixara domicílio, após ser perseguido politicamente. Mário Rodrigues, como jornalista trabalhou no *Correio da Manhã*, de Edmundo Bittencourt, e na década de 1920 fundou seu próprio jornal *A Manhã*.

Crescendo no meio jornalístico, Rodrigues logo se tornou repórter policial investigativo e isso, sem dúvida, propiciou-lhe um repertório e uma vivência que contribuíram significativamente para a singularidade de sua obra dramaturgica. Esse trabalho como repórter instigou em Rodrigues certa atração por casos de amor, adultério e morte. Entre esses temas que são caros ao autor, escolhemos para discutir neste artigo, o casamento, para isso selecionamos o romance *O Casamento*, que foi publicado no ano de 1966.

Antes de adentrar as discussões sobre o romance, precisamos ressaltar Rodrigues tem uma visão de casamento específica, a união se restringe aos preceitos cristãos do século IX ao século XIII², no qual a ideia de pecado e punição são bem determinadas para os fiéis.

Nessa concepção, o casamento é diferente para homens e mulheres, a partir de um interesse acerca da vida doméstica, muito por causa da diferente educação que ambos receberam, para a Igreja é papel do marido avaliar o que é melhor para o ato sexual, preferencialmente quando a mulher está mais fértil, para que o sexo não caia no cotidiano do casal, pois, como a personagem de Eva, a mulher é mais sensível a cair nas armadilhas do desejo carnal. Nessa dinâmica, o homem pode ter uma experiência sexual antes do casamento; afinal, ele precisa conhecer o sexo para mostrá-lo à futura esposa, que se casará virgem e, na teoria, sem conhecimento do próprio corpo.

A questão do prazer dentro do matrimônio foi muita cara à educação religiosa. Muitos teólogos debruçaram-se a pensar como o prazer podia existir sem “atrapalhar” a sacralidade do casamento. Chegaram, então, ao “prazer moderado”, que consistia na ideia de que a relação sexual poderia ser prazerosa, mas só se fosse com o intuito de procriar.

O matrimônio fora sacralizado sem ser desencarnado, e os valores positivos atribuí-

2 “A inserção da Igreja na família, ou melhor, a “apropriação” da família por parte da Igreja, se dá também na medida em que esta “toma” para si as cerimônias de casamento — o que ocorre a partir do século XII, quando o papel do padre vai deixando de ser opcional e passa a adquirir cada vez mais importância nesse evento. A instituição do ato matrimonial, que já havia passado para a porta da Igreja, a partir desse momento se dá com a transferência do conjunto da cerimônia para o interior desta. Também a celebração passou a implicar dois atos fundamentais: a publicidade do casamento e seu registro, do qual se encarregava o pároco — registro esse que “fundamentava o ato, ao mesmo tempo em que o controlava”. Do século XIII em diante, sobretudo após o Concílio de Trento, passa a ser dada cada vez mais importância à natureza pública do casamento — antes um ato doméstico, que não ultrapassava a casa ou o quarto, quando a função do padre se limitava à benção do leito nupcial”. Ainda no século XIII, a Igreja passou a amadurecer um modelo de casamento radicalmente diferente dos até então existentes, os quais eram mais um contrato de trocas. A ele seria dado o estatuto de sacramento. O modelo criado é aquele cuja imagem, segundo Phillippe Aries, tem tido uma persistência de longos séculos na história da sexualidade ocidental: o casamento monogâmico e indissolúvel. Destaco, ainda de acordo com Aries, que essa tendência à indissolubilidade do casamento surgiu, em Roma, antes da influência do Cristianismo. Nesse local já aparecia uma moral sobre o casamento (que assumia mais uma característica de “tendência” do que propriamente uma vontade de subverter a realidade dos costumes) que posteriormente irá se transformar na moral cristã”. (CARVALHO, 2001, pp. 170-171)

dos à conjugabilidade foram pouco a pouco sendo atribuídos à relação conjugal. No final do século XIII observaram-se as inflexões mais marcantes da moral eclesiástica. Richard Middleton transforma o prazer moderado em um fim aceitável do acasamento. Para ele, bem como para São Tomás de Aquino seguindo Aristóteles, o prazer sexual é bom quando os fins que se perseguem são bons. Além disso, o prazer pode contribuir para o equilíbrio individual e social; portanto, torna-se portador de um pouco de virtude conjugal. [...] É verdade que essas concessões logo encontraram os seus limites: tanto os clérigos como os homens estabelecidos têm em vista a salvaguarda da ordem conjugal, incessantemente ameaçada pela concupiscência, pelas paixões ou pelas turbulências sociais. Adultério é o esposo que deseja muito ardentemente sua mulher: ele conspurca a conjugabilidade. Todos os moralistas o repetem: abandonar-se aos sentidos no casamento é mais grave do que fora dele. (ROSSIAUD, 1991, p. 73-74)

No momento de produção de Rodrigues, a partir da década de 1940, esse discurso de enquadramento e restrição a sexualidade feminina sob o quadrante do casamento se estende e é reafirmado em outros aspectos da cultura, como nas revistas femininas (por exemplo, *O Cruzeiro*) que se dicavam a ensinar a mulher casada a se comportar e manter o compromisso de auxiliar o homem no progresso e manutenção da vida moderna:

Nas famílias modelos destacadas pelos periódicos, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A maternidade, o casamento e a dedicação ao lar faziam parte da essência feminina. Esses modelos estavam ligados à moral sexual, que exigia das mulheres solteiras a virgindade e a contenção sexual e das casadas o recato e a fidelidade. Assim, os discursos que pretendiam manter a ordem familiar dentro dos princípios morais da família burguesa retomavam antigos argumentos sobre a masculinidade e a feminilidade, que costumavam se pautar na noção de natureza elaborada pela ciência moderna. (ZECHLINSKI, 2006, p. 27)

Dotado dessa ideia que casamento é algo que só a morte pode separar, veremos no romance como Nelson Rodrigues quer ressaltar que essa união sacra aos olhos de Deus é o ponto fundador da família, assim é importante que cada membro dessa união saiba seu lugar. A partir do momento em que a mulher quer a realização de seu desejo sexual e o homem não consegue saciar mais esse desejo, o casamento rui e a família acaba.

Cabe ressaltar, segundo Zechlinski (2006), que essas representações acerca do casamento sobre a formação corporal, social e sexual da mulher são anteriores a obra aqui analisada e recorrente na produção de Nelson Rodrigues (como as crônicas no jornal *Última Hora* e *Diário da Noite*, na coluna *A vida como ela é*), sobretudo por reiterar valores e concepções de gênero pautadas numa visão tradicional de família de base cristã, ainda que o escritor traga à tona as contradições dos costumes e sociabilidades brasileiras, especialmente a partir da segunda metade do século XX.

Como dito anteriormente, o romance *O Casamento* foi publicado no ano de 1966 e rapidamente se tornou um dos livros mais vendidos daquela época, empatando com *Dona Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado. Passado um mês da publicação, a censura proibiu o livro sob os seguintes argumentos:

Considerando que a desmoralização do casamento importa, sem sombra de dúvida, a da família e, em consequência, a subversão de nosso sistema de vida cristão e democrático;

Considerando que a liberdade de manifestação do pensamento não importa permitir a licenciosidade, máxime quando atinge a instituição do casamento;

Considerando, por fim, que o livro 'O Casamento', de autoria de Nelson Rodrigues, pela torpeza das cenas descritas e linguagem indecorosa em que estava vazado, atenta a organização da família, impondo-se, por esse motivo, medidas que impeçam a sua divulgação, resolve:

- Declarar proibidas a edição, distribuição e venda, em todo território nacional, do livro 'O Casamento', de autoria de Nelson Rodrigues.
- Determinar ao DFSP (Departamento Federal de Segurança Pública) as providências necessárias à apreensão. (CASTRO, 1992, p.350/351)

Quando soube que o livro havia sido censurado e retirado das bancas, Nelson Rodrigues escreveu uma crônica sobre o assunto na sua coluna *À sombra das chuteiras imortais*, publicada pelo jornal *O Globo*:

Imaginem que eu estava em casa, quando bate o telefone. Era um repórter berrando: – “Teu livro foi cassado! Teu livro foi cassado! “. Como no soneto bilaquiano, eu fiquei pálido de espanto. O outro foi despejando mais informações: – “Portaria do Ministério da Justiça proibindo a venda de *O Casamento* em todo o Brasil! “. Por um momento, eu não soube o que pensar, nem soube o que dizer.

[...]

O texto do Ministério, é, acima de tudo, burríssimo. Diz que o livro é contra a instituição do casamento. É falso. Podia sê-lo, e daí? Qualquer um pode discutir o matrimônio, o celibatário, o adultério, a castidade e a viuvez. Acontece, porém, que o meu romance é anterior ao casamento. A mocinha se casa no último capítulo. E se casa de véu, grinalda, no civil e religioso. O casamento termina com os noivos na sacristia recebendo os cumprimentos. Sim antes dos salgadinhos e do guaraná.

Vejam bem: eu me dou o direito de ser contra quaisquer usos, costumes, instituições, ideias, cultos. Penso como quero e não admito, nem aceito, que me ponham limites nos meus pontos de vista. Mas insisto: não há, mas minhas trezentas páginas, uma única e vaga objeção ao matrimônio. (RODRIGUES, 1989, p. 258/259)

O livro só foi liberado um ano depois da sua proibição e continuou sendo um sucesso de vendas durante um curto período de tempo. Mas o que nos chama a atenção é a maneira como Nelson Rodrigues defende o casamento dentro do seu romance. Na sua percepção, não é necessário escrever um livro enaltecendo a família burguesa ou o casamento para demonstrar que se é favor da “instituição do casamento”. Nelson acredita exatamente no contrário: a única salvação dessa família, que tem suas bases tão frágeis, é o casamento, pois é o único elemento que consegue dar esperanças a essa família. Para o autor, o casamento está acima de todas essas fragilidades, e isso

porque o autor acredita na sacralidade do casamento e confia nela como único recurso para estabelecer os conflitos que a família tem enfrentado.

Precisamos ressaltar, que a década de 1960 foi marcada por discussões que começavam a colocar em cheque alguns valores morais, tal como a monogamia, outro fato importante foi o amplo uso do anticoncepcional, que possibilitou a várias mulheres uma vida sexual mais ativa e não necessariamente ligando sexo a concepção. Nelson Rodrigues se coloca contra essas transformações e acredita que essas manifestações eram ameaças a família e que esse modelo que conhecemos está fadado a desaparecer. Desta maneira, para autor, a única de maneira de “salvar” a família é colocando o dedo na ferida e mostrar todas as hipocrisias que rondam essa instituição.

Mesmo com a proibição do livro, o fato foi que o sucesso da obra teve muita ligação com as colunas de Nelson Rodrigues nos jornais de grande circulação; se suas peças tinham a especificidade da linguagem direta, próxima do popular, o romance não seria novidade. Além disso, o tom jornalístico na literatura não era algo novo. Assim, o romance não fugia dos temas que Rodrigues havia retratado tanto em suas crônicas como em suas peças:

Todos sabem – para dar mais um exemplo – a influência decisiva do jornal sobre a literatura, criando gêneros novos, como a chamada crônica ou modificando outros já existentes como o romance [...] É o clássico “romance de folhetim”, com linguagem acessível, temas vibrantes, suspensões, para nutrir a expectativa, diálogo abundante com réplicas breves. (CÂNDIDO, 1985, p. 33)

O tom do folhetim e do melodrama sempre foi presente em seus textos, e o que mais chamou a atenção dos críticos foi esse texto direto, com diálogos curtos e ríspidos.

Ora, estas virtudes encontravam-se à sua disposição em modelos conhecidos de há muito e que o século XIX explorara à perfeição: o folhetim e o melodrama. Não que ele por deliberação consciente se tivesse proposto a cultivá-los. Ambos lhe eram inerentes. Em ambos foi desde logo um mestre. Não importa como os tenha lavrado ou temperado.

O melodrama, a máquina dos clichês e dos golpes teatrais, das peripécias e inversões da sorte, das tintas do destino e das fatalidades do acaso, proporcionaram-lhe a imediatez das oposições violentamente contrastantes e insensatamente surpreendentes. Nele, o dramático corre sobre trilhos ou, melhor se diria hoje, tem impulso de foguete. Daí a sua extraordinária fortuna “estética” (e não apenas pública) no teatro moderno. Porém, nas mãos de Nelson Rodrigues, ele se tornou a forma de moldar no banal, no rotineiro, a exemplaridade trágica da existência humana. (GUINSBURG, 1994, p.9)

Contando com melodrama e o tom folhetinesco, *O Casamento* é narrado em terceira pessoa, por um narrador onisciente. O interessante é que o narrador, muitas vezes, brinca com o leitor, jogando muitas informações para que este faça conclusões por si só.

O narrador onisciente de *O casamento* faz-se presente em todo o texto – apesar de simular objetividade, escondendo-se na “terceira pessoa” – e se intromete arbitrariamente na narrativa, principalmente por meio do uso de parêntese ou da presença dos dêiticos, como nesse exemplo: “graças a Deus, Sabino não estava, que sorte. Eudóxia apanhou não sei o que debaixo de um móvel”. Note-se que esse “não sei o que”

denuncia a presença do narrador e desmente, ironicamente, sua suposta onisciência. (DUMOND, 2004, p. 325)

O romance começa apresentando Sabino Uchoa Maranhão, que ouviu na rua a seguinte frase: “todo canalha é magro”. Ora, Sabino era magro e sentia até orgulho de sua magreza; mas isso o tornava um canalha? A única promessa que Sabino fez em vida foi a seu pai no leito de morte: seria um homem de bem

Meia hora antes de morrer, já com a dispneia pré-agônica, o velho agarrara a sua mão. Disse e repetiu:
 – Homem de bem. Homem de bem.
 A mãe cutucara o filho:
 – É contigo, é contigo.
 Era sim, com Sabino. O pai queria que ele fosse um homem de bem. E, desde então, a vontade do defunto o acompanhava por toda parte. (RODRIGUES, 1989, p. 7)

E por “homem de bem”, Sabino entendeu que deveria ter um bom emprego, se casar com uma moça boa e constituir uma família. E foi esse seu objetivo de vida, montou sua própria imobiliária, realizou um bom casamento e teve filhos.

Entretanto, ao pensar a referida frase a que diz que “todo canalha é magro”, Sabino põe em dúvida a sua trajetória de vida. Será que tudo foi feito em vão? Por mais que suas atitudes tenham se voltado para que se tornasse um homem de bem, sua aparência era a de um canalha? A primeira coisa que passa por sua cabeça é a imagem do pai no leito de morte e a promessa que fizera.

Além disso, Sabino reflete sobre seu casamento: casara-se com uma mulher boa e atenciosa, mas por quem não nutria nenhum amor:

Aos vinte anos, casou-se com Maria Eudóxia, dois mais moça. Tempos depois, numa briga com a mulher, esta fez, chorando, a pergunta:
 - Casou-se comigo por quê?
 Não teve coragem de dizer a verdade. Desviou o olhar:
 - Ora, por quê? Gostei de você, claro!
 Mas eis a verdade inconfessa: casara-se porque era impotente com a prostituta. (RODRIGUES, 1989, p. 7)

Filho único, cresceu vendo que seus pais não trocavam nenhum carinho. Certa vez, ouviu um desabafo da sua mãe, confessando que, depois que teve o filho, o marido não a procurou mais à noite e decidiu dormir em quarto separado. De acordo com o que o romance nos mostra, o casamento de Sabino com Eudóxia não é “de aparência” nem que Sabino teve a mesma postura do pai em relação à mulher.

A cerimônia que dá nome ao livro é de Glorinha, caçula de Sabino. A história acontece um dia antes desse casamento. Para a família Uchoa, de maneira geral, esse é um grande evento, pois envolve bastante visibilidade social. Com o casamento realizado, Sabino coloca fim ao seu objetivo: constituiu uma família e casou todas as suas filhas com homens influentes do Rio de Janeiro. Entretanto, esse casamento, em específico, o deixa com a sensação de que representa a morte da filha, já que o fato de a filha pertencer a outro homem depois do casamento é como se fosse uma morte:

A mulher que se casa não é a mesma. No dia seguinte, Glorinha não seria a mesma da véspera. Ela mesmo viera da casa, no táxi, espiando para tudo com o espanto de um último olhar. Sim, como se fosse morrer. Abraçado à filha, fecha os olhos para saturar-se do seu perfume. (RODRIGUES, 1989, p. 36)

O pai tem esse sentimento porque nutre pela filha um desejo bem forte, que não sabe explicar ao certo o que significa – só sabe que é um sentimento que foge da descrição de amor paterno. Muitas vezes, confrontado pela esposa, Sabino nega a existência desse sentimento e sente-se culpado:

Diziam que Glorinha tinha os olhos do pai. E não era segredo para ninguém que ele preferia a caçula. Mas Sabino negava de pés juntos. Que o que, absolutamente! Tinha discussões horríveis com a mulher, com as tias. Certa vez, perdera a cabeça:
 – É o cúmulo! O cúmulo! Vocês estão querendo criar complexo nas outras? Isso é uma maldade!
 Excitado, com um sentimento de culpa que o dilacerava, repetia:
 – Em absoluto! Gosto de todas igualmente! A mesma coisa!
 Eudóxia não tinha pena:
 – Conversa, conversa! Eu te conheço! Gosta mais de Glorinha! (RODRIGUES, 1989, p. 16)

Um dia antes da cerimônia, Dr. Camarinha, o médico da família, conta para Sabino que seu futuro genro foi pego pelo médico da família beijando seu assistente:

E na véspera, o Dr. Camarinha entrara, de repente, e vira “o beijo”. Olhou, como se não entendesse. Os dois se separaram, assombrados.
 O Dr. Camarinha ainda perguntou:
 – Mas o que é isso aqui?
 Zé Honório baixa a cabeça:
 – Perdão, perdão.
 O médico deixa passar um momento. Falou, primeiro, para Zé Honório:
 – Você era como se fosse meu filho. Mas agora acabou. Suma da minha presença e nunca mais, ouviu? Nunca mais!
 José Honório tira o avental. Chora. Apanha o paletó e sai, sem olhar para ninguém.
 Teófilo tira um cigarro, que não acende. E, então, o Dr. Camarinha vira-se para ele, Teófilo espera, de frente alta, sem medo. O médico sente que, apesar de tudo, há uma troça cruel na cara do rapaz.
 O Dr. Camarinha começa:
 – O que é que o “senhor” tem a dizer?
 [...]
 – Isto que o senhor viu não aconteceu nunca na minha vida. Foi a primeira vez e será a última. Lhe peço que o senhor acredite. Sou normal – e repetiu sem desfitá-lo – sexualmente normal.
 O Dr. Camarinha tem entre os dedos a piteira sem cigarro:
 – A mim, você não engana. Eu vi. Aceito todos os defeitos, menos esse. E o homem que deseja outro homem, e que, por desejo, beija outro homem, pra mim não é nem gente. Rapaz, você vai sair agora do meu consultório e nunca mais fale comigo.
 Teófilo chegou a dar dois, três passos. Volta:
 – Bem. Quero que fique bem claro o seguinte: não houve nada entre mim e esse rapaz. Nada de extraordinário; eu apenas o abracei. Foi apenas um abraço. Ele faz anos, hoje. É meu amigo e eu o abracei. (RODRIGUES, 1989, p. 25)

O beijo de Teófilo e Zé Honório faz-nos lembrar do beijo de Arandir em *Beijo no Asfalto*³

3 A peça *Beijo no Asfalto* narra a história de Arandir, que dá um beijo num rapaz desconhecido que acabou de ser atropelado no meio da rua. A história vai ganhando a boca do povo, até que chega à primeira página do jornal, de modo que Arandir tem problemas com sua família por causa do beijo.

(1961). Na peça, o beijo também ocorre entre dois homens, mas representa a morte, pois Arandir concede o beijo como último pedido de um homem quase morto no chão. No romance, o beijo acontece para celebrar o aniversário de Zé Honório – em ambas as narrativas, os homens são flagrados se beijando e, por isso, julgados negativamente pelos expectadores; na peça, Arandir jura que foi um ato solidário com o morto e se mostra arrependido de tal ato. Já no romance, nem Teófilo nem Zé Honório se justificam sobre o beijo e não se mostraram arrependidos. Outro dado importante é que, tanto na peça quanto no romance, o teor moralista é mais forte que o próprio beijo em si, ou seja, o beijo é o desenrolar das tramas nas duas narrativas.

Ao ouvir a revelação de Dr. Camarinha, Sabino não se espanta – esperava, talvez, uma gravidez de Glorinha. No fundo, sente-se impotente diante da situação, pois não há como voltar atrás com o casamento, tendo em vista que todos os jornais cariocas já o haviam noticiado; ministros estavam na lista de convidados e ele até havia mandado fazer um terno novo, sob medida. Sabino tenta convencer o médico de que aquilo deveria ser um engano e que Dr. Camarinha deveria ter interpretado errado; o fato é que Sabino não tinha desculpas ou explicações contundentes para o beijo do futuro genro nem para o fato de não cogitar o fim do casamento.

A tentativa de contornar a situação não deu certo: Dr. Camarinha saiu do escritório deixando claro que não concordava com a atitude de Sabino de fingir que nada havia acontecido. Sabino teve a sensação de que o médico estava muito estranho e que não o reconhecia mais; essa sensação se transforma em raiva, a ponto de cogitar que Dr. Camarinha só havia feito essa confissão porque tinha inveja dele.

O desespero, de fato, só foi sentido por Sabino quando Glorinha apareceu em seu escritório, dizendo que precisava conversar urgentemente com Dr. Camarinha. Sabino, então, é tomado pelo medo de o médico contar tudo para a filha e ela acabar desistindo de se casar.

Sem saber como agir, Sabino chega a cogitar a ideia de contar para a esposa sobre a conversa que tivera com o médico, mas acaba chegando à conclusão de que a mulher não receberia bem a notícia e que a chance de um escândalo seria grande. Diante desse problema, resolveu ter uma conversa com o monsenhor, o único, em sua opinião, que poderia dar um conselho sensato.

Durante o caminho até a igreja, Sabino vai pensando em como contar ao religioso o beijo do futuro genro; ao chegar à capela, o padre está atendendo um outro casal de noivos, que pensa em desistir do casamento. O padre diz a Sabino que acha essa atitude um absurdo; segundo ele, nenhum motivo é digno para adiar um casamento.

Monsenhor está com vontade de fumar outro cigarro:

– Dizem que eu tenho ideias malucas. Mas por exemplo: o casamento. Eu ponho o casamento acima de tudo. Essa gente está pensando o quê? O importante no casamento não é a noiva ou o noivo. É o próprio casamento. O ato sexual, o que é o ato sexual?

[...]

– O casamento é toda uma estrutura, toda uma construção, toda uma...

Abriu o gesto, como quem desenha uma curva e como se o casamento fosse esta curva. (RODRÍGUES, 1989, p. 53)

A fala do monsenhor é a maneira como Nelson Rodrigues enxerga o casamento. Aqui, fica claro que essa é melhor forma que o autor encontrou de dizer para o leitor que o casamento é im-

portante para a estrutura familiar.

Os noivos, que estão pensando em cancelar o casamento, são taxados, pelo monsenhor, como bobos por não conseguirem enxergar a complexidade do casamento e acharem que este seria apenas uma cerimônia feita na Igreja. O monsenhor diz com tanta veemência que casamento não se adia, que Sabino acaba não contando sobre o incidente do genro, concluindo que, realmente, um casamento não deve ser adiado – nenhum motivo seria suficiente para cancelá-lo.

Sabino e o monsenhor continuaram conversando, até que o monsenhor declara que o ato sexual seria como “uma mijada”, pois o “alívio seria o mesmo”. Sabino espanta-se com a declaração do padre. Primeiro, porque acha que, como religioso, o padre deveria praticar abstinência de palavras de baixo escalão com os fiéis. Segundo, porque começa a pensar na secretária Noêmia e a imaginá-la sem roupa, o que causa um arrepio pelo corpo todo. De súbito, Sabino é tomado por uma vontade de ir ao banheiro. Como fica com vergonha de perguntar ao monsenhor se poderia usar o banheiro da sacristia, despede-se rapidamente e pede para o motorista parar no primeiro bar que encontrar.

Notamos, então, que a frase dita pelo monsenhor causou efeitos em Sabino. Por quê? A frase brinca com o instinto humano: o sexo está ligado ao nosso lado mais animal, como uma reação aos nossos instintos; em outras palavras, para o padre, tanto o sexo como o ato de urinar têm a mesma mecânica dentro do homem. Essa comparação tem a finalidade de mostrar que nenhum desses atos depende de racionalização humana – é só uma questão de sentir e, por isso, raramente, conseguimos freá-los. Se formos continuar com essa análise, podemos nos utilizar as discussões de Sigmund Freud em *O Mal-estar na Civilização*, quando o autor diz que o processo civilizatório tem como característica afastar o homem de qualquer traço animal. Pois bem, a frase do monsenhor é o oposto dessa análise de Freud. Assim, sabendo que Nelson Rodrigues tem um diálogo com as teses do autor, podemos afirmar que essa contradição é proposital, pois deixa claro que Nelson Rodrigues não acredita que o processo civilizatório tenha conseguido anular nossos instintos; isso porque o homem ainda vive em conflito com seus próprios instintos e, muitas vezes, perde essa batalha, cedendo aos seus desejos mais profundos.

A sensação de felicidade ao satisfazer um impulso instintual selvagem, não domado pelo Eu, é incomparavelmente mais forte do que a obtida ao saciar um instinto domesticado. O carácter irresistível dos impulsos perversos, talvez o fascínio mesmo do que é proibido, tem aqui explicação econômica. (FREUD, 2015, p. 23)

As sensações que Sabino provou depois dessa conversa são o ápice dessa sensação de descontrole, em que se acredita que é possível realizar qualquer vontade, condizente com o que acabamos de refletir:

Invade o corredor. Entra no cubículo. Encosta-se à parede e quase arranca os botões. Está de olhos fechados, lábios entreabertos, como se rezasse. O que começa a sentir é uma alegria desesperadora. Revê, todo seu passado. Ele, menino, a morte do pai, o banho das irmãs pequeninas, sua noite de nupcias, o nascimento das filhas, a fraldinha de Glorinha. Não tinha a torrente absurda dos jumentos e do monsenhor. E agora dava razão ao padre. Certos órgãos, certas funções. Também ele, ao acabar, teve essa brusca nostalgia que há no fim do ato sexual. Abotoando-se, ainda sonhava com bosta de cavalo, de vaca.

Mas, quando saiu, estava certo de que só um louco falava como o monsenhor. Ouvia sua voz de baixo cantante: “O ato sexual é uma mijada”. Parou junto ao telefone.

Tinha que comprar a ficha. Deram-lhe uma ficha. Discou, um extremo cuidado para não errar o número. D. Noêmia atendeu:

[...]

– Eu queria que a senhora, que você fosse a um lugar encontrar comigo. É um assunto pessoal. Meu anjo, quer tomar conta do endereço? (RODRIGUES, 1989, p. 56)

A secretária mal acredita no pedido do patrão, ao chegar no lugar indicado, Sabino já avança para os beijos e pede para que tire toda a roupa, depois de mais alguns beijos, Sabino confessa:

Fala com a boca na sua orelha:

– Uma vez, quando eu era garoto, eu e um menino fomos tomar banho juntos. Banho de rio, no Trapinheiro. Eu tinha 12 anos e ele, 14. O menino era mais forte do que eu. Tiramos a roupa. E, então, ele me agarrou.

Pára, atônito, de prazer. Era uma volúpia como nunca sentira. Noêmia deixa passar um momento.

Pede, baixinho:

– Continua.

Sabino tem vontade de chorar:

– Não conto mais! Não conto mais!

Noêmia não diz nada. Ele repete, na sua obsessão, que “ninguém sabe, ninguém sabe”. Não reconhece a própria voz:

– Eu não deveria ter contato. Não sei o que deu em mim, não sei. (RODRIGUES, 1989, p. 72)

A transa é conturbada – os dois estão imersos em seus próprios problemas. Noêmia pensa na sua solidão, no namoro com um homem casado e na sorte que teve em chamar a atenção do patrão e estar com ele ali; em outros momentos, compara a transa que está tendo com a que tem com o namorado. Já Sabino revive a sua experiência com o garoto do rio, dizendo que o menino deu uma bofetada e ele gostou. Ao gozarem, Noêmia quer gritar, mas, por ser uma casa alugada, não pode fazer nenhum barulho. Sabino começa a chorar e a chamar por Glorinha, ato que Noêmia não comenta. Passado o momento de satisfação, ambos voltam para a sua realidade, e Sabino corta qualquer intimidade que tenha dado a Noêmia.

O que fica claro nesse encontro é que, mesmo que tenham praticado um ato conjunto, não estavam na mesma sintonia, uma vez que a mulher enxerga Sabino e quer que ele se satisfaça na transa, mas Sabino não enxerga Noêmia – é como se ele quisesse colocar para fora a volúpia que havia sentido na igreja; assim, pensou em uma mulher que pudesse utilizar, que não era o objeto de desejo, e, sim, uma receptora do seu desejo:

Senta-se na extremidade da cama. Com o travesseiro em cima do sexo, ela pergunta, meio em sonho:

– Você está desiludido?

De costas para ela, acendendo um outro cigarro, responde:

– Por obséquio, me chama de senhor.

Levanta-se:

– Bem. Quero que a senhora saiba o seguinte: aquilo que eu lhe disse, a história do tal garoto, não é verdade, não aconteceu. Eu inventei na hora. Foi uma fantasia erótica. – E repetiu, desesperado, a palavra: – Erótica.

Pergunta:

– O senhor tem medo que eu lhe vá difamar?

Que vontade de quebrar-lhe a cara.

– D. Noêmia, não se trata disso. Mesmo porque eu não tenho medo nenhum da senhora. Eu quero apenas esclarecer certos pontos. Não houve o tal garoto. E se a senhora não está convencida...

– Estou convencida, Dr. Sabino! (RODRIGUES, 1989, p. 74)

Noêmia é uma personagem muito solitária, que perdeu a mãe de maneira repentina; sem ter para onde ir, foi procurar pelo irmão, mas acabou se desentendendo com a cunhada. Nesse meio tempo, ela havia conhecido Xavier num encontro casual e, logo de primeira, o homem interessou-se por ela, mas já adiantou que era casado:

Xavier continua, trêmulo:

- Você é uma menina direita, séria, e eu quero que você saiba tudo.

Respirou fundo:

- Eu sou casado. Entende?

Silêncio. Xavier pergunta:

- Não diz nada?

Disse:

- O que é que você quer que eu diga?

Iam apanhar o ônibus. Ele, mais velho, mais gasto, mais tudo, continuou:

- Sou casado, mas é como se não fosse. Minha mulher não é mulher, já foi mulher, deixou de ser, entende?

- Já foi mulher? Como? Como?

Ficou de perfil, olhando para muito longe:

- Minha mulher tem aquela doença, aquela, não sabe? Aquela? É morfética. (RODRIGUES, 1989, p. 69)

A doença a que Xavier se referia é a lepra. Por ser tão solitária, Noêmia aceita o primeiro convite de Xavier para se encontrarem em um hotel barato, o que se tornou uma rotina na vida de ambos. Em muitas ocasiões, Noêmia pensa que merecia coisa melhor do que aquele homem, já que, segundo ela, o suor dele era ácido demais e todos os seus ternos tinham aspecto de velho. Temos a impressão de que ela só está com ele para não ficar sozinha.

Voltemo-nos a Glorinha, que foi encontrar Dr. Camarinha para que o médico a examine e constate que ela não é mais virgem, a fim de poder dizer que foi seu filho, Antônio Carlos, quem a desvirginou. Por causa desta confissão, Dr. Camarinha conta o que sabe sobre o noivo:

- Olha aqui. Vou te falar uma coisa como se fosse minha filha. Presta atenção. Te chamei no meu escritório para te contar uma coisa que aconteceu. Na hora, me faltou coragem e eu não disse nada. Teu pai sabe, mas eu desconfio, sei lá, que ele vai cruzar os braços. Portanto, vou te contar tudo. É melhor

Tomou a respiração:

- Ontem, eu estava no meu consultório. E precisei apanhar não sei o que na sala de curativos. Entrei lá, de repente, e vi teu noivo, teu noivo Teófilo, beijando na boca o meu assistente. O meu assistente, aquele rapaz. Você conhece: o José Honório.

Repete:

- Beijando? Mas isso quer dizer o quê? Não estou entendendo.

- Minha filha, é claro. Quando dois homens se beijam na boca como se fosse mulher do outro, isso quer dizer o quê? Não há dúvida possível. Temos todo o direito de achar que são homossexuais.

Glorinha treme, novamente gelada de sol. Ele continua, arquejante:

- Eu sei que é duro dizer isso, na véspera do casamento. Mas, depois que eu soube que foi meu filho, entende? Então, resolvi te contar.

Ergue o rosto:

- O senhor está querendo que eu desmanche o casamento? É isso?

- Absolutamente. Não estou querendo nada. Ou por outra: quem tem que querer é você. Você. Ninguém mais, compreende? Se você quiser casar, casa, mas sabendo. Sabendo que seu marido pode desejar outro homem e que já beijou outro homem na boca. Uma coisa eu queria lhe dizer: não tenha medo de escândalo. Faça escândalo na igreja, no juiz, se for o caso. (RODRIGUES, 1989, p. 94)

Glorinha tem a mesma reação do pai: não se espanta com a confissão. A curiosidade lançada ao leitor, então, é se ela sabia que o noivo tinha interesse por homens ou se ela não se importava. Glorinha sabe de suas responsabilidades, pois, a todo momento, conversa com a mãe sobre os presentes de casamento que estão chegando na sua casa. Um fato interessante é que, durante todo o romance, percebemos que ela não tem nenhuma cena com o noivo. Dessa maneira, não sabemos realmente qual o tipo de relação existente entre os dois.

Por meio de *flashbacks*, ficamos sabendo como Glorinha conheceu Antônio Carlos, numa festa de família. O rapaz convida ela e a sua amiga, Maria Inês, para dar uma volta de carro no dia seguinte. No passeio de carro, Antônio Carlos leva-as na casa de Zé Honório para uma espécie de reunião de amigos.

Zé Honório é homossexual, e seu pai sempre foi radicalmente contra; por várias vezes, bateu no filho e, por isso, durante a maior parte da vida, Zé viveu sua sexualidade escondido da família. Depois que o pai ficou debilitado na cama, por causa de um derrame, Zé planejou sua vingança: mostraria para o pai sua verdadeira sexualidade – transaria com um homem em sua frente, sem que o pai pudesse fazer algo.

Em meio à vingança de Zé, Antônio Carlos insiste, grosseiramente, para que Glorinha e Maria Inês se beijem:

Antônio Carlos está desesperado:
 Respira fundo e toam-se de uma euforia brutal:
 – Agora vocês vão beijar na minha frente.
 – Beijo de língua
 As duas rolam, e lutam, e gemem, e choram. Há um momento em que Glorinha fica abandonada, quieta, perdida. Sente a boca ativa, devoradora, que sorve a sua língua. Então, numa frenética agilidade, passa para cima da outra, beijando e mordendo.
 Maria Inês diz, boca a boca:
 – Meu amor! Meu amorzinho!
 Glorinha bebe a saliva da outra.
 Antônio Carlos açula Maria Inês:
 – Dá-lhe na cara! Dá-lhe!
 A menina ergue meio corpo, esbofeteia Glorinha. Depois, baixa a cabeça e a beija na boca. Glorinha foge com o rosto, soluça:
 – Me bate! Me bate!
 Esbofeteia, de novo. Glorinha continua pedindo:
 – Mais! Mais! (RODRIGUES, 1989, p. 134)

Logo após a troca de carícias com Maria Inês, Glorinha vai atrás de Antônio Carlos e começa a beijá-lo, mesmo estando na frente de todos os convidados de Zé Honório. Ela não se intimida com a efervescência que os carinhos se dão, e os dois acabam transando ali mesmo. No meio de toda essa dança de corpos, Zé Honório começa a gritar e sai correndo pela casa. Seu pai acabara de falecer. Antônio Carlos, Glorinha e Maria Inês ficam assustados com a situação e vão embora o mais rápido possível.

Ao ser deixada em casa por Antônio Carlos, a preocupação da menina é ir ao banheiro e verificar a calcinha. Ela acha deprimente quando vê que não sangrou muito depois da primeira relação sexual, o que a deixa com pensamento de que não foi tão impactante como imaginava:

Nada mudara. Ela fora deflorada e não estava nervos, nem sentia medo, nenhum, nenhum. Um mulato bonito de escola de samba vira o seu defloramento. E, antes de

ser deflorada, fora possuída por uma menina. (RODRIGUES, 1989, p. 155)

Voltamos a acompanhar Sabino e seus conflitos internos. Depois de sair do encontro com Noêmia, Sabino sente-se culpado por suas últimas ações; assim, recorre ao Monsenhor Bernardo.

Mesmo que Sabino não diga por que se sente culpado, o tom da conversa dos dois é de confissão. Se, antes, fizemos uma digressão sobre a frase dita pelo monsenhor, neste diálogo, ele diz outra frase que complementa a sua análise sobre o homem, fazendo sentido o diálogo com os estudos de Freud:

Parou, ofegante. Monsenhor interessou-se:

– Está com o sentimento de culpa?

Disse, com euforia:

– Estou.

Monsenhor recoçou-se na cadeira:

– Então, ótimo, ótimo. Sabino, só não estamos de quatro, urrando no bosque, porque o sentimento de culpa nos salva. (RODRIGUES, 1989, p. 176)

Segundo Freud, a religião e a civilização freiam os impulsos dos homens por meio de doutrinas, regras e condutas. A maior consequência disso é a chamada punição. Segundo o autor, é impossível realizarmos todas as nossas vontades sem nos impor a nenhum castigo: a primeira pessoa a nos punir é nossa própria consciência, pois sabemos que somos regidos por doutrinas, leis e costumes e que não estamos prontos para abdicar desses regimentos em função de nossa liberdade. Assim, nossa finalidade muda os planos: o que antes seria alcançar felicidade, cada vez mais, torna-se em evitar o desprazer em geral. Portanto, se, anteriormente, o monsenhor tinha falado que os instintos humanos eram fortes e que, em algumas situações, difíceis de serem controlados, agora, ele dá a dica de que a culpa é a única barreira para esses instintos – é esse sentimento que nos afasta do homem animal.

Mesmo com essa conversa, Sabino não sanou suas dúvidas, de modo que ainda questiona suas ações e se continua sendo um homem de bem. Ele precisa ir embora para voltar ao escritório, a fim de encontrar Teófilo. Ao encontrar o futuro genro, entrega-lhe um cheque de cinco milhões. O rapaz não aceita o dinheiro e diz que, se Sabino quiser dar qualquer outro presente, ele aceitará, mas dinheiro lhe causa a impressão de que ele está cobrando para se casar com a sua filha. Sabino não ficou satisfeito com a postura do futuro genro – achou arrogante e pretensioso. Devemos nos lembrar de que Sabino é um homem com ações conservadoras, e entregar o cheque ao futuro marido de sua filha significa “entregar o dote”, como era feito antigamente, por tradição.

Um pouco depois de se despedir de Teófilo, Glorinha chega ao escritório do pai, e este está tão à flor da pele que, ao encontrar a filha no escritório, não consegue se conter:

Apertou-a no peito, como num adeus. Como se o casamento, no dia seguinte, fosse a morte da filha. Beijou-a muitas vezes, na face, na testa, na orelha (pela primeira vez, a beijava na orelha). Passou a mão pelas suas costas. E quase, sem querer, ia acariciando as nádegas. Desprendeu-se da filha:

– Fez o cabelo?

– Gostou?

– Uma beleza!

– Vim do cabeleireiro para cá.

Numa angústia que era uma delícia, agarrou-a pelos dois braços. E disse:

– Menininho!

Havia entre os dois uma linguagem de diminutivos, mas era a primeira vez que ele a chamava de “menininho”. Não menininha, não menina, mas menino. Com certas mulheres, o ato sexual é uma mijada.

– Não canso de te ver!

E, então, Glorinha toma distância para se mostrar. Gira sobre si mesma, numa leve, ágil, pirueta de balé. Depois volta para o pai:

– Eu pensei que o senhor já tivesse ido embora. Foi o cabineiro que me disse, “ainda não desceu, ainda não desceu”. Subi.

Sabino já não se lembrava mais de Noêmia. E tinha medo de que Glorinha o estivesse achando carinhoso demais. Ainda agora, com a filha nos braços, deslizara a mão pelas suas costas. Se chegasse até as nádegas, e se acariciasse, qual seria a reação da menina? Imaginou a menina, não como filha, mas como fêmea, fêmea nova.

Falou:

– Você é meu menininho, é?

Ergueu o rosto, petulante:

– Sou. Menininho.

Os dois achavam uma doçura cruel nessa troca de sexo. (RODRIGUES, 1989, p. 202/203)

Para Sabino, o dia chegando ao final significava que o casamento estava próximo. Glorinha pede para o pai despachar o motorista e levá-la para dar uma voltar; meio receoso, Sabino aceita a ideia da filha e, juntos, partem para a praia.

O que seria só uma volta para relaxar do estresse do casamento se tornou numa conversa densa entre pai e filha. Glorinha é direta e diz que odeia a mãe:

Glorinha parecia louca:

– E minha mãe! Minha mãe! E porque é minha mãe eu tenho que gostar? Sou obrigada? Pois fique sabendo que eu não gosto de minha mãe.

Soluçava:

– Não posso nem ver minha mãe!

Repetiu:

– Minha filha, sabe que eu estou no espanto, Glorinha, no maior espanto. Você nunca falou assim, nunca! (RODRIGUES, 1989, p. 211)

Glorinha quer arrancar uma confissão do pai. Ela queria ouvir que o pai também não gostava da esposa, e com insistência consegue:

– Minha filha, olha. Eu não gosto de sua mãe. Não gosto. Não é isso que você queria saber? Não amo sua mãe.

– Continua, continua.

Sabino não reconhece a própria voz:

– Tenho pena, uma certa pena. Mas não é amor.

Estava de costas para o pai. Vira-se lentamente:

– Eu disse que tinha um motivo. Um motivo para cuspir na cara de minha mãe. Agora o senhor vai saber.

– Esquece a tua mãe – pediu Sabino, desesperado.

Mas ela foi até o fim:

– O senhor sabe que mamãe sempre me deu banho. Até hoje, ou até outro dia. Dizia que eu não sabia me lavar direito. Aquela conversa. E, depois, me enxugava, passava talco no corpo todo. Passava entre as pernas dizendo: “Você transpira aí, pode ficar assada”.

Sabino balbuciou:

– Que mais?

E ela, num crescendo:

– Até que, na última vez, depois de me enxugar. Está ouvindo pai? Minha mãe me agarrou, me virou e me deu, na boca, um beijo de língua. Como se fosse um homem, papai!

Sabino reça:

– O que é que você está dizendo? O que é que você está insinuando? Não é possível!

– E abria os braços para o céu – Ninguém pode dizer isso da própria mãe.

Veio, de mão levantada, para esbofeteá-la. A menina desafiou:

– Bate! Bate!

E ele não bateu. Como um louco, ficou rodando pela praia, rodando. Falava sem

parar:

– E mentira! Mentira! Sou católico praticante, cristão. Eu não acredito que uma mãe seja lésbica da própria filha. Não acredito!

Berrava, andando circularmente:

– Sua mentirosa! Olha, olha!

Acabou caindo aos pés da filha:

– Nem sua mãe tem nada de lésbica. Mulher normal, normal. Vou-te dizer mais, ouve, vou-te dizer mais. Tua mãe teve um amante. Me traiu. Eu perdoei ou nem isso. Fingi que não sabia. É adúltera, mas lésbica, não. Eu sou cristão, eu sou cristão! (RODRIGUES, 1989, p. 217/218)

Se não bastassem todas essas declarações bombásticas, Glorinha diz que não ama o noivo e que o homem que ela ama nunca a correspondeu. Sabino também declara que ama uma mulher proibida, “uma pessoa que devia ser sagrada para ele”. Glorinha concorda e diz que entende o sentimento. A esse ponto da conversa, com a intensidade de como as coisas foram ditas, Sabino não se aguenta e agarra a filha:

Súbito, agarra a menina.

Dá-lhe um violento beijo na boca.

Glorinha foge do novo beijo:

– Não, não!

Ele está perdido: – Glorinha! Glorinha!

Mas ela se desprende e está de pé. Aponta para o pai:

– Beijo de língua como o de minha mãe! (RODRIGUES, 1989, p.216/217)

Com a fuga de Glorinha, cabe a Sabino questionar como tudo isso foi acontecer; mesmo que a filha não possa escutar, o pai começa a dizer em alto e bom som que a culpa foi de Glorinha, com conversas dúbias e mãos sempre percorrendo o corpo do pai – ela o excitara todo esse tempo.

Sabino mal podia imaginar que o homem que Glorinha amava era o monsenhor. A moça era tão apaixonada que chegou a ficar nua para o padre na sacristia e pedir para que ele a desvirginasse. O padre negou o pedido.

Glorinha é a pura representação do desejo feminino, pois é impulsiva em suas ações. Basta tomarmos como exemplo o modo como resolveu contar ao Dr. Camarinha com quem perdeu a virgindade. Em relação a Sabino, ela sabia que era a preferida do pai, conseguindo controlá-lo para ganhar algumas vantagens sobre as irmãs; quando o pai a agarra, ela sente, pela primeira vez, que não tem mais controle sobre o pai; então, corre para a mãe, sobre a qual sabemos que tem o mesmo controle emocional:

Glorinha disse:

– Mamãe, papai quis me violentar.

Maria Eudóxia balbucia, branca:

– O que é que você está me dizendo?

Repetiu:

– Papai me levou pra uma praia deserta. Lá quis me violentar.

As duas se olham. Naquele momento, Glorinha sentiu falta de um cigarro. Eudóxia vai até o fundo do quarto. Volta, lentamente.

E, súbito, decide:

– Minha filha, olha aqui. Não quero saber de nada. Sim? Não me conta nada. Deixa sair esse casamento. Depois, a gente conversa, está bem? (RODRIGUES, 1989, p. 269)

O que Eudóxia poderia fazer? Se era verdade o que a filha havia contado ao pai, que a mãe a beijara de língua, como ela poderia impor respeito numa situação dessas? Na verdade, Eudóxia dá a mesma resposta que Sabino dá a seus problemas: finge que não sabe de nada. Outro ponto a ser considerado é que Eudóxia sabe muito bem o espaço que a família possui dentro da sociedade, de modo que ela não arriscaria tomar as dores de Glorinha e arruinar toda a visibilidade social que a família tinha.

Paralelamente a essa situação tempestuosa da família Uchoa, Xavier, o amante de Noêmia, descobre que não é o único homem na vida da secretária. Vai atrás dela no serviço e acaba matando-a e matando a si mesmo. A polícia não entende a relação que havia entre os dois, já que Noêmia nunca revelara a ninguém seu caso com o homem casado.

Na noite antes do casamento, Sabino é interrogado por suas filhas sobre a quantia que havia dado para Glorinha e Teófilo, pois elas ouviram que era o dobro do dado e seus casamentos. Num primeiro momento, o pai tenta disfarçar e dizer que isso era intriga de alguém, pois ele nunca faria uma desigualdade dessas com as próprias filhas. Porém, as moças não acreditam e partem para a chantagem, a fim de conseguirem o restante do dinheiro. O pai tenta negar, mas não consegue escapar das ameaças das filhas:

Foi cercado, novamente. Ele diz:
 – Não volto atrás! Não volto atrás!
 E, então, Dirce fala, baixo, mas nítido:
 – Deflorador.
 Silêncio. Pergunta, com a voz estrangulada:
 – O que é que você disse? Repete!
 Foi Marília quem respondeu:
 – Deflorador.
 Sabino quer se levantar, mas tomba na cadeira. Devia soltar palavrões, quebrar caras, o diabo.
 Mas não se mexia, quase não respirava. Dirce continuou, docemente:
 – Eu vi, papai, ninguém me contou. Eu vi. Quer que eu conte tudo?
 As outras encarniçaram:
 – Conta! Conta!
 Dirce foi contanto (suave, suave):
 – Papai, você se lembra daquela festa? Festa do meu aniversário, em Lins de Vasconcelos? Enquanto o pessoal dançava, Silene saiu para o quintal. Já não estava se sentindo bem. E lá, teve o ataque. Ninguém viu, só o senhor. Sim, da varanda, o senhor viu Silene cair. Desceu, sem dizer nada. Carregou a menina para a parte mais escura. Eu apareci na janela e vi. O senhor é que não me viu. Tudo aconteceu debaixo da janela. Deflorador, sim, deflorador. E de uma menina com ataque e durante um ataque. Silene tinha treze anos e o senhor parecia um louco.
 O espanto punha nos olhos de Sabino um halo negro. Queria falar, mas o som não vinha.
 – E, depois, o senhor fez a volta e veio para a sala.
 Sabino pergunta (o pavor deu-lhe uma voz de falsete):
 – Elas viram também?
 Respondeu, cariciosa, quase compassiva:
 – Elas sabem porque eu contei, eu contei, e só hoje contei.
 Sabino contraiu os ombros como um corcunda.
 Disse, de olhos baixos:
 – Eu assino o cheque. Assino o cheque. (RODRIGUES, 1989, p. 257/258)

As filhas sentem desprivilegiadas e se juntam para colocar em xeque o poder do pai, usando o poder da informação que possuem, o estupro da prima epilética. Glorinha interrompe a conversa de Sabino com as filhas para avisar que o monsenhor tinha vindo fazer uma visita e que o está

esperando para conversar sobre os últimos detalhes da celebração de amanhã, mas a cabeça de Sabino não está focada na cerimônia. Ele quer confessar algum de seus pecados. Mas como confessar? Como falar sobre o ato incestuoso? E sobre a traição? Do ataque à menina epilética? Por onde começar?

Ao encontrar o monsenhor, este percebe que algo não está bem, tendo em vista que Sabino está pálido e com as mãos trêmulas. O religioso pergunta se aconteceu alguma coisa, se o casamento ainda está de pé. Sem obter a resposta de Sabino, o monsenhor eleva a voz:

– Sabino, quer saber a grande verdade? Quer?

Pausa e dá o berro triunfal:

– Todos nós somos leprosos! E não há exceção. Nenhuma, nenhuma. Somos leprosos.

E monsenhor continuava. Só está a salvo aquele que reconhece a sua própria lepra e a proclama. O padre vira-se para Sabino:

– O que é que está esperando homem? Hem? Por que não se decide?

– Mas decidir o quê?

Monsenhor parecia um possesso:

– Não espere mais. Assuma a sua lepra. E não a renegue, nunca! É a sua ressurreição, homem! (RODRIGUES, 1989, p. 263)

Após se despedir do monsenhor, Sabino é avisado que encontraram Noêmia e um homem mortos na imobiliária. Sabino fica em choque, sem saber como os assassinatos aconteceram. Por causa disso e do seu sentimento de culpa, ele não consegue dormir.

A cerimônia do casamento de Glorinha e Teófilo ocorre como o planejado. Sabino espera a bênção do padre e toma uma atitude brusca: reúne a imprensa jornalística que está cobrindo o casamento e declara-se culpado pelo assassinato de Noêmia. Já que não conseguiu assumir as suas lepras, como disse o padre, assume o assassinato de Noêmia para obter sua redenção:

Pôs a mão no peito:

– Eu sou assassino! Era minha amante. Atirei o punhal no mar. Sou assassino.

Começou, na delegacia, um alarido espantoso. Os repórteres batiam uns nos outros. Dois fotógrafos subiram numa mesa. Os flashes explodiram. O Comissário Rangel berrava:

– Vai chamar o Miécimo, vai chamar o Miécimo!

O Miécimo era o escrivão. Estava, no botequim defronte bebendo cerveja, com sardinhas fritas.

Alguém puxou uma cadeira para Sabino. Sentou-se.

Era feliz. (RODRIGUES, 1989, p. 269)

“Era feliz” – essa é última frase do livro. Mesmo que não tenha matado Noêmia, Sabino precisava se confessar de algum modo. O contraditório é que, no senso comum, matar alguém não significa que a pessoa é de bem, mas, para Sabino, essa confissão o fez um homem de bem.⁴

4 Essa última cena é uma referência a *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, pois, como Raskolnikov, Sabino tortura-se pelos erros que cometeu, e a única saída é a confissão dos crimes. No romance de Nelson Rodrigues, Sabino escolhe por confessar um crime que não é seu, seja para não expor os seus verdadeiros, seja por falta de coragem, mas o sentimento de alívio e redenção é o mesmo nos dois casos. Escolhemos não nos aprofundarmos nessa questão, mas uma leitura que é base para o início dessa discussão é *Nelson Rodrigues, leitor de Dostoiévski: a retórica do paradoxo* de Adriana Armony, disponível em: <<http://publicacoes.ufes.br/contexto/>

Segundo Nelson Rodrigues:

A ficção, para ser purificadora, precisa ser atroz. O personagem é vil para que não sejamos. Ele realiza a miséria inconfessa de cada um de nós. A partir do momento em que Ana Karenina, ou Bovary, trai, muitas senhoras da vida real deixarão de fazê-lo. No *Crime e Castigo*, Raskolnikov mata uma velha e, no mesmo instante, o ódio social que fermenta em nós está diminuído, aplacado. Ele matou por todos [...] Para salvar a plateia, é preciso encher o palco de assassinos, de adúlteros, de insanos e, em suma, de uma rajada de monstros. São os nossos monstros, dos quais eventualmente nos libertamos, para depois recriá-los. (RODRIGUES, 1996, p.15)

Em *O Casamento* o final é esperançoso, o que não costuma ser frequente nas obras de Nelson Rodrigues, já que a cerimônia ocorre normalmente e Sabino não se mata nem morre assassinado, ao contrário, procura ser punido pelos erros que cometeu. De uma maneira torta, Nelson Rodrigues demonstra que o homem ainda possui salvação: Sabino encontrou na punição uma maneira de ser feliz consigo mesmo.

Todos os casamentos têm sua importância para o desenvolvimento da história, pois cada um deles tem peculiaridades que nos fazem entender melhor os personagens; eles reforçam, além disso, a ideia de que nenhum motivo é suficiente para desmanchar um casamento. Sabino e Eudóxia possuem uma longa união, mesmo que tenham acontecido traições por parte dos dois; a atitude tomada foi negligenciar os fatos e continuar como se não soubessem de nada. Outro casamento é o de Xavier, que é casado com uma mulher que foi contaminada pela lepra e, mesmo com o risco de contrair a doença, ele não se separou e cuidou da esposa sozinho. Isso não se deve ao fato de que é um homem bondoso; ele tem essa postura porque fez um juramento diante Deus: “na saúde e na doença”. Mesmo quando conheceu Noêmia e se apaixonou por ela, adiantou que não poderia se separar da mulher, pois era sua obrigação cuidar da esposa enferma. O casamento de Dr. Camarinha é o menos mencionado – ele e a mulher brigavam muito por causa filho, sempre protegido pela mãe. Depois que o filho morreu, a mulher sofreu um ataque de nervos e foi internada num hospício; mesmo assim, o divórcio nunca foi uma opção. Uma vez colocadas essas considerações, podemos concluir que o casamento é um laço que os une, laço esse que não pode ser rompido. Está aí a maior defesa que Nelson Rodrigues poderia ter feito da “instituição casamento”.

Destarte, o segredo do casamento para Nelson Rodrigues é coisa séria, é um juramento feito diante Deus – e o que Deus une o homem não pode separar. O sermão do monsenhor no casamento de Glorinha dizia que os noivos deveriam aceitar as chagas um do outro, sabendo carregá-las por toda a vida. Além disso, afirmava: nós não devemos esquecer que o mais importante de tudo é o casamento. Dessa feita, a partir da instituição casamento a figura da mulher está sujeita a função de conservadora dos papéis e ideais de feminilidade e masculinidade a fim de manter os papéis de gênero delimitados ainda que apresentem contradições e desejos que extravasam a norma do ato conjugal e, quando sim, apareça carregados de valores morais e religioso, como o pecado.

Referências

- CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1985.
- CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- DUMOND, Eugênio. O jogo irônico no romance - de Nelson Rodrigues. **Revista do CESP**, São Paulo, v. 24, n. 33, 2004.
- FACINA, Adriana. **Santos e Canalhas** – Uma Análise Antropológica da Obra de Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- FREUD, Sigmund. **O Mal-estar na civilização**. São Paulo: Cia. das letras, 2015. p. 23.
- GUINSBURG, J. Nelson Rodrigues, um folhetim de melodramas. **Revista de Literatura Brasileira**, Florianópolis, n. 28, 1994.
- MOREIRA DE CARVALHO, Maristela. Sexualidade, controle e constituição de sujeitos: a voz da oficialidade da Igreja Católica (1960-1980). **Esboços**: histórias em contextos globais, Florianópolis, v. 9, n. 9, p. pp. 159-180, jan. 2001. ISSN 2175-7976. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/569/9841>>. Acesso em: 31 dez. 2019.
- ROUDISNESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. São Paulo: Record. 1989
- RODRIGUES, Nelson. **O remador de Ben Hur**: confissões culturais. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- ROSSIAUD, Jacques. **A prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SALOMÃO, Irã. **Nelson, feminino e masculino**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1986.
- ZECHLINSKI, B. P. **Imagens do casamento e do amor em Nelson Rodrigues**: um estudo das representações de gênero na literatura publicada em jornal entre 1944 e 1961. Dissertação em História. Curitiba: UFPR: 2006.

RECEBIDO EM: 04/08/2019

APROVADO EM: 23/11/2019